

Um saco de notas bárbaras (ou excertos de um quase diário-em-estórias)

21 de Setembro de 2017

Levei o Pedro Lopes de Almeida, nosso aluno de pós-graduação, a almoçar a um restaurante português para, com calma e boa comida, falarmos do seu trabalho. A dada altura, apareceu-nos junto à mesa um moço micalense, por aqui há alguns anos mas sem estatuto legal. Agora, devido à obsessão de Trump com os imigrantes ilegais, está apavorado. Abriu-se comigo em tempos e recomendei-lhe que contactasse uma pessoa amiga com longa experiência na resolução de casos congéneres. Como não nos víamos desde Maio, perguntei-lhe: *Então, sempre falou com a tal pessoa que lhe indiquei?* Respondeu-me todo sorridente: *Não, senhor. Eu agora estou a namorar.* Apertei com ele: *Mas ouça cá: Namora assim o dia todo a ponto de não ter um momentinho livre para tratar de um assunto tão importante? Olhe que de repente apanham-no e você não tem mais namoro. Mandam-no mesmo para a ilha.* Muito sério, explicou-me: *Não! O senhor não percebeu. É que é namoro para casar.*

Caí em mim. *Ah! Pois... Já entendi. Olhe, e isso é mesmo a sério, ou é só casamento com um passaporte? Sabe que antigamente nos Açores se chamava assim, não?*

Garantiu-me ser para nó a sério.

Expliquei então ao portuense Pedro, desconhecedor destes meandros mas sempre interessado em tudo, como funcionava o sistema naquele tempo. Havia quem volta e meia ia casar aos Açores, trazia a consorte, divorciava-se e voltava aos Açores para ir buscar mais uma. Casos houve em que se tratava de pura generosidade, mas abundavam também redes com ligações ao mundo inteiro, e os casamenteiros ganhavam uma boa maquia.

Hoje já tudo fia mais fino. Os EUA só dão o «cartão verde» [que legaliza oficialmente um residente nos EUA] definitivo depois de dois anos de casamento.

Se o importante é o cartão verde – comentou o Pedro – *então a expressão açoriana deveria ser «casar com um 'cartão verde' e não 'com um passaporte'».* Expliquei-lhe que antigamente o importante nas ilhas era sair delas para a América e isso não poderia acontecer sem um passaporte, que depois era

levado ao consulado americano para se receber um visto. O cartão verde não era importante. Aqui chegados, tudo o mais se resolvia naturalmente.

O moço da minha estória é que precisa mesmo de casar com um cartão verde. Por amor ou por interesse, como na história do alentejano que a Leonor sabe contar bem melhor do que eu, porque imita bem o sotaque: *Compadre, o compadre casou foi por amor ou por interesse?* O amigo, depois de reflectir um pouco: *Eu acho que foi por amor, que ela cá interesse nam tem nenhum!*

5 de Outubro de 2017

De três em três anos, lecciono um seminário de pós-graduação sobre Fernando Pessoa. Costumo incluir a colaboração de pessoanos, ligados à Brown ou de universidades vizinhas, porque hoje Pessoa é um campo enorme de investigação e seria tacañeira não aproveitar os especialistas nas diversas áreas existentes nas redondezas. José Blanco dizia há décadas que a Brown tinha o maior número de pessoanos por metro quadrado; todavia já faleceu Edwin Honig, o primeiro tradutor americano de Pessoa, e António Carreño e George Monteiro aposentaram-se. No entanto, o George, apesar das dificuldades de locomoção, não se nega nunca a colaborar. A Susan Brown, antiga aluna dele, lecciona num *college* perto. E surgiram entretanto outros, como o brasileiro Carlos Pittella Leite, a trabalhar no arquivo pessoano de Hubert Jenkins; o Patrício Ferrari, a investigar as ligações anglo-americanas de Pessoa. E há o Jerónimo Pizarro que, a partir de Bogotá, comigo e com o Paulo de Medeiros (em Warwick, Reino Unido) dirige a revista *Pessoa Plural*. Com a colaboração de gente deste calibre, também sou aluno do seminário e aprendo. Sortudo.

O Jerónimo, que em tempos foi aluno de doutoramento em Harvard, mas veio fazer seminários comigo à Brown, é hoje quem melhor conhece o espólio do poeta. Tem-no todo digitalizado no seu computador (garante que metade dos escritos de Pessoa ainda estão por publicar) e é o grande motor de uma equipa internacional jovem que tem vindo a editar, e a reeditar com revisões, volume após volume. Para o seminário de ontem, os alunos receberam um pacote de manuscritos inéditos de Pessoa para escolherem e tentarem transcrever. Na aula, foi deveras entusiasmante o trabalho de equipa sob a liderança do Jerónimo, ele mais do que ninguém habituado a decifrar a caligrafia de Pessoa. Foram mais de três horas de intensa e divertida azáfama, porque interrompemos os trabalhos a meio, pois eu havia encomendado a um restaurante português um jantar volante. Era uma aula extraordinária, a fim de aproveitarmos a visita do Jerónimo para dirigir duas sessões, e os alunos não tinham oferecido qualquer objecção ao eventual adiamento do seu jantar visto só termos conseguido

arranjar um horário comum a todos no final do dia. Mereciam de facto ser bem tratados.

Um dos alunos tinha seleccionado a escrita mediúnica de Pessoa, que está numa caligrafia diferente, naturalmente criada pelo poeta para a distinguir da sua normal. Além disso, é quase toda em inglês, pois deve ter sido essa a língua da sua “conversa” com os espíritos. Nesse contexto, não resisti a contar aquela do miúdo luso-americano que morria de saudades do seu querido avô recentemente falecido. Como em muitas famílias imigrantes, a comunicação entre ambos tinha sempre sido por meio de uma linguagem de afectos, já que os pais não se tinham empenhado em ensinar português ao filho. Mas o garoto adorava o avô e por isso chorou muito a sua morte. Um dia, ouviu dizer que perto de sua casa havia um médium que falava com os espíritos do outro mundo. Sem revelar à família, encheu-se de coragem e foi bater-lhe à porta a perguntar se podia falar com o avô. Comovido de ternura, o médium levou-o para uma sala escura e sentou-o à mesa ao seu lado. Em breve o garoto, extasiado, iniciava uma conversa com o avô. Mas o entusiasmo foi-se diluindo aos poucos até que, de repente, soltou-se-lhe uma incontida pergunta: *Ó avô, onde foi que aprendeste a falar inglês?*

2 de Janeiro de 2018

Tradicionalmente, o almoço do primeiro dia do ano é em casa do Joe & Tina, respectivamente meu irmão e cunhada, na margem do rio Tauton, com larga vista sobre Fall River. É mais uma reunião de família, esta com a vantagem de incluir os netos Ben e Sydney (meus sobrinhos-netos), que moram a norte de Boston.

O Ben(jamin) fez um salto em altura e não só. Dez anos. Já deu para nos sentarmos ambos num sofá em prolongada conversa, como se fosse um convidado meu no programa de televisão – eu, curioso de saber o que ciranda na cabeça de um miúdo de hoje. Descreveu-me a sua rotina – *Nada de especial, é uma vida normal*, comentou sobre os dias de escola e os fins-de-semana. Compenetrado, a meu pedido contou tudo em pormenor. Prestei particular atenção ao tempo dedicado às leituras que faz na escola e em casa. Aqui, é uma hora por dia durante a semana, antes de ir dormir; mas quando o livro é deveras bom, é mais. Lê em média uns três livros por semana. O seu amigo Trevor ainda lê mais. Já devorou tudo o que tinha em casa, incluindo vários que não entendia. *Estava muito curioso e queria saber o que eles continham. O Trevor é fã de livros grandes. Eu não gosto de ler livros sobre assuntos que não entendo. Mas também gosto de livros grandes.* Perguntei se eram *e-books*. *Não, são livros mesmo.*

O grande problema do Ben em casa são as relações com a irmã, a Sydney. Ela tem sete anos e gostos muito diferentes. Por si, prefere silêncio; ela adora falar. *Para brincar, gosta de fazer de médica e interessa-se muito por produtos de beleza. Quer que eu brinque com ela... Ora eu não tenho paciência para aquilo. Volta e meia aceito que me ausculte, mas prefiro estar no meu espaço a ler, ou no computador.*

Estávamos nisto quando chegou a Sydney, entrando de imediato na conversa e transformando-a num debate clássico sobre questões de género. Pesem embora todas as campanhas de destruição de barreiras, elas estavam ali chapadas nas opiniões recíprocas. A Sydney, com uma verbosidade e um vocabulário de embasbacar, expunha as suas opiniões a uma velocidade e fluência desarmantes. O Ben, de poucas palavras, volta e meia desferia um golpe: *Tens montes de amigas, mas depois vocês estão sempre a criticar-se umas às outras. Com os meus amigos passamos muito tempo calados a jogar.* A Sydney defendeu-se: *Eu tenho a preocupação de procurar fazer as pessoas felizes e fazer com que elas gostem de mim.* O Ben: *Tu e as tuas amigas são umas tagarelas e inventam problemas com tudo. Os meus amigos e eu brincamos sem nunca nos zangarmos e em silêncio. A mãe chama-nos para irmos comer e vamos. Tudo o que ela nos põe na mesa está bem. Depois voltamos em paz para continuarmos a jogar.* O debate acicatou-se até eu intervir perguntando à Sydney (e agora tenho de reproduzir o diálogo mesmo em inglês):

- *Do you love your brother?*
- *Yes, I do love him.*
- *But it looks like you love him but you do not like him.*
- *That's just it.*

É isso mesmo! Admitido ali preto no branco.

Quando regresssei à conversa a sós com o Ben, o pai (o meu sobrinho Greg) passou perto e perguntou: *Estão a falar sobre Trump?* E acrescentou que ele e o filho não partilhavam as opiniões políticas do avô do Ben (o meu irmão).

Quando o Greg nos deixou, o Ben quis saber o que eu pensava de Trump. Virei o bico ao prego: *Eu é que quero saber o que tu pensas.* Explicou-me então que não gosta de se pronunciar sobre esse assunto antes de conhecer as posições políticas da pessoa com quem fala, pois não quer insultar ninguém. *Sobre Trump, falo com o meu pai, mas não com o vovô.* Descansei-o: *Comigo podes estar inteiramente à vontade.*

- Não pensas como o vovô?
- Não. Temos muitas coisas em comum, mas discordamos em política e, sobretudo sobre Trump. Diz-me lá então o que pensas sobre Trump?

– Brrrrrrrrr!!!! – fez ele a acompanhar uma careta de nojo.

– Estou a ver.

– Explica-me por que razão *vovô* gosta de Trump.

– As pessoas não são iguais e cada uma tem a sua história com experiências diferentes. O teu avô foi para a guerra no Vietname e, na tropa, ensinaram-lhe que ele estava a defender a América, que a América era o país mais forte do mundo, respeitado por ter força militar e política. Depois, o teu avô teve muito êxito na vida profissional com a sua empresa e conseguiu pelo seu trabalho tudo o que tem. Por isso acha que quem quer triunfar na vida deve fazer o mesmo. Porque a América é uma terra onde quem quer triunfar também pode fazer como ele, desde que trabalhe. Mas ele teve sempre muita sorte. Por exemplo, regressou do Vietname com saúde. Na vida também é preciso ter-se sorte e muita gente não tem, apesar de muito esforço. É por isso que muitas pessoas pensam que o governo tem obrigação de ajudar os que não tiveram sorte na vida. Quer dizer: na política, há pessoas que olham mais para um lado da balança e outras, mais para o outro.

– Mas Trump não foi à tropa nem esteve na guerra.

– Pois, não foi. Mas teve muito sucesso nos negócios. E foi sempre um espertalhão. Mesmo quando entrou em bancarrota, soube aproveitar-se das leis do país e arranjar maneira de dar a volta e ficar de novo por cima. Por isso ele acha que todos podem fazer o mesmo e não compreende nem respeita os mais fracos.

– Compreendo.

– Eu também percebo a tua pergunta. Deves achar estranho que pessoas que se estimam tanto como o teu avô e eu tenham pontos de vista políticos diferentes. É que também tivemos diferentes experiências de vida. Quando eu era criança, aconteceu algo parecido comigo em relação ao meu avô, o teu trisavô. Naquele tempo, toda a gente nos Açores adorava a América e queria vir para cá. Eu era criança e um dia o meu avô disse-me: *Não acredites em nada do que ouves para aí sobre a América. É tudo mentira.* Fiquei espantado e não sabia o que pensar. Como é que pessoas que eu estimava tanto poderiam fazer afirmações assim tão contrárias. Só muito mais tarde compreendi. O meu avô tinha vivido aqui na América durante a depressão, nos finais dos anos 20 do século passado, quando havia muita falta de trabalho, e viu muita gente passar fome e frio. Ele foi-se embora para Portugal e jurou nunca mais cá voltar. Foi uma experiência que o marcou para sempre. Diferentemente dele, muitas outras pessoas nos Açores só ouviam falar das maravilhas da América e queriam vir para cá.

– *I see...*

– Mas ouve lá: eu é que estou aqui a fazer perguntas. Por isso, fala-me tu de Trump.

– Não gosto nada dele. É uma figura repelente.

– Espera aí: vocês não começam o dia na escola com o *Pledge of Allegiance*?

– Sim, o *Pledge of Allegiance* é uma promessa que fazemos diante da bandeira americana, mas não se diz que temos de respeitar Trump. Repara bem nas palavras: *I pledge allegiance to the flag of the United States of America, and to the Republic for which it stands, one Nation under God, indivisible, with liberty and justice for all*. Estás a ver? Não prometemos nada sobre o Presidente, muito menos sobre Trump. Quando digo que não gosto nada dele não estou a dizer o contrário do que prometo na escola.

Rendi-me ao argumento e mudámos de assunto, regressando aos seus livros favoritos e a outros temas de deixar um septuagenário deliciado. Mas esta já vai longa.

16 de Fevereiro de 2018

A figura do P.e José Jacinto Botelho esteve desde a minha juventude associada a uma famosa estória a ele atribuída, e incluída no meu *(Sapa)teia Americana*, que hoje soa politicamente incorrecta. No final da sua vida activa, o bispo ter-lhe-á perguntado numa visita pastoral: *Como estão as minhas ovelhinhas?* – referindo-se naturalmente aos paroquianos sob a sua alçada. O bom sacerdote, já cansado de labutas, terá respondido: *Com o devido respeito a Vossa Excelência Reverendíssima, brutas me-las destes, brutas vo-las dou*. Mais tarde, vim a saber que ele era a figura por detrás do poeta António Moreno, seu pseudónimo. Tudo o que sobre ele aprendi adveio-me da magistral introdução de Eduíno de Jesus a um volume que colige a sua poesia (esse estudo é um de quatro que o patriarca das letras dos Açores escreveu para apresentar poetas açorianos, os outros sendo referentes a Armando Côrtes-Rodrigues, Virgílio de Oliveira e Madalena Férin). Todos eles constituem importantes peças que relatam minuciosa e criticamente significativos momentos da história da literatura açoriana na primeira metade do século XX. Valeria a pena, aliás, reuni-las num único volume, se não mesmo reeditá-las por inteiro, pois os livros de que fazem parte estão esgotados há décadas.

Sobre António Moreno, para além do que aprendi nesse precioso estudo de Eduíno de Jesus, ouvi sobre ele mais uma estória, essa contada por Armando Côrtes-Rodrigues, de quem Moreno era amigo. O autor de *Quando o Mar*

Galgou a Terra conta-a num dos volumes do seu *Voz do Longe*, colectânea das crónicas por ele lidas na Emissora Regional dos Açores. Escreve então Côrtes-Rodrigues que, quando ainda seminarista, José Jacinto Botelho, num dia de férias, parou em casa de um tal Tio Gonçalo, na altura cantador popular de renome. E transcrevo: «Com alegre exuberância o acolheu a Tia Aninhas. Depois de larga conversa [...] atentou ele no oratório e viu, com espanto, entre tantos santos, um busto pequeno de Camões, barbudo, de bofes brancos e gibão vermelho, apumado e solene, com uma coroa de louros sobre a cabeleira castanha. Sorriu-se de o topar ali em tão selecta companhia e não se conteve que não dissesse: ‘A Tia Aninhas havia de me oferecer este busto.’»

Formalizada por tal ousadia, logo ela replicou: «Credo! Menino Josezinho. E o meu marido? Não sabedes que este é o senhor S. Caimão, o santo dos cantadores? O meu Gonçalo todas as noites lhe reza três avé-marias.»

Côrtes-Rodrigues prossegue contando como, falecido o Tio Gonçalo, a Tia Aninhas foi ofertar o “Santo” ao padre Botelho, que estimadamente o conservou no seu quarto de trabalho. E acrescenta o poeta: «Por sua morte, foi-me entregue por direito de poesia e em sinal da profunda amizade que sempre nos uniu.»

O “Santo” há-de estar por aí, no espólio de Armando Côrtes-Rodrigues. Já pus alguém na senda dele e aguardo notícias. Teria o seu charme ele reaparecer por estes dias em que o poeta António Moreno anda a ser justamente lembrado.

6 de Abril de 2018

Duas curtas histórias:

1.

Retido no aeroporto da Terceira por atrasos sucessivos da SATA, ligo para o Hotel Marina, em Ponta Delgada, a fim de informar a Leonor que entretanto havia chegado de Lisboa. Aqui vai o meu diálogo com a recepcionista:

– Por favor ligue-me para o quarto de Onésimo Almeida.

– Ele ainda não chegou. Só a senhora dele está no quarto

– Eu sei. Sei que ele ainda não chegou. E sei que ela está lá. É mesmo com ela que quero falar.

– Mas disse-me que queria falar com o senhor Onésimo Almeida.

– Desculpe. Eu pedi-lhe que me ligasse para o quarto de Onésimo Almeida, não disse que queria falar com ele.

– Ai! Que eu já não estou entendendo nada. Eu sei ele quem é e sei que ele ainda não chegou.

– Eu também sei ele quem é. Sou eu mesmo.

2.

O José Alberto Postiga, ex-pescador em Caxinas, Póvoa de Varzim, e hoje emigrante na Suíça, publicou recentemente o livro de poemas *O Inventário do Sal* (à falta de melhor, convenceu-me a escrever-lhe o prefácio). Para verem como um pescador virou mesmo poeta, partilho o final de um email dele chegado há dias:

P.S. – enquanto esperava a minha filha no aeroporto, recordei este pequeno texto que escrevi em Dezembro de 2016 quando me despedi dela em Portugal!

O tempo ajuda a lamber as feridas.

Voo EZY 1133

Os aeroportos deveriam ter compartimentos de despedida.

Salas onde se pudesse apertar um abraço mais íntimo, dizer Te Amo, Volta Rápido, e chorar sem ter de sustentar sentimentos perante olhares desconhecidos.

Os aeroportos não deveriam resumir-se a lugares que nos roubam e entregam pessoas. Entradas e saídas do céu, onde nem sequer há um lenço disponível para limpar do rosto a chuva do coração.

17 de Setembro de 2018**1.**

No sábado, fomos ao Bristol Sports, um antigo clube português em Bristol, participar numa festa de homenagem à Márcia Sousa, que aqui durante cerca de quatro anos foi vice-cônsul, desempenhando uma actividade verdadeiramente notável que lhe granjeou uma imensa popularidade na comunidade portuguesa. Mulher de um extraordinário dinamismo e com um sentido prático e uma eficiência enorme, no Bristol Sports nomearam-na Mulher do Ano. Daí a festa.

Os filhos, o Antonio e a Sofia, de 10 e 7 anos respectivamente foram comigo os oradores da festa. Leram um texto sobre a mãe cheio de ternura e graça. A alturas tantas, a Sofia lendo no texto «a minha mãe é mandona e desenrascada», acrescentou a seguir a cada adjectivo «como eu!». De sua lavra. O texto estava escrito em inglês, havia termos e expressões portuguesas lidas impecavelmente, pois ambos são bilingues.

2.

Passaram hoje aqui em casa a Elsa e o Francisco. Vieram de Portugal fazer pós-graduação em Física (ela na Boston University e ele no MIT) e quando, terminados os doutoramentos, se lançaram à cata de emprego, o que melhor lhes surgiu foi em Zurique, Suíça. Mudaram-se de armas e bagagens há quatro

anos. Há dois, casaram-se em Lisboa e quiseram que eu fosse o oficiante do evento. Separaram a parte legalista, que em Portugal é muito chata e comprida, fazendo-a ter lugar numa sala privada e depois, ao ar livre, encenaram com guião feito por eles uma bela cerimónia. Foi nela que participei.

A tarde, sem nada a ver com o cenário que agora domina a Carolina do Norte fustigada pelo furacão Florence, estava convidativa para um prolongado almoço no Al's Waterfront no início da baía Narragansett. Bombardeámo-los com perguntas sobre a vida lá para as bandas helvéticas. Perfeitamente ambientados – como aliás se sentiam em Boston – aceitam sem drama viver na diáspora como tanta gente da sua geração. As picuinhas suíças (como não se poder fazer barulho ao domingo, daí ser proibido usar o aspirador em casa, ou colocar metais e vidros no caixote da reciclagem) não lhes causam qualquer engulho. Portugal, ao fim e ao cabo, fica ali ao lado. Isto é, o Rectângulo, que Portugal hoje está espalhado pelo globo inteiro.

3.

Como se de propósito, da Holanda outro português da diáspora, o Fernando Venâncio, envia-me uma piada sobre a meteorologia nos Açores. Creio que lá estive apenas uma vez, a passar férias connosco (ele, a Catherine e as duas filhas de ambos), nos idos de 1993. Onde, aliás, tiveram sempre tempo magnífico.

Zurique, Bristol (Rhode Island), Amesterdão. Lisboa é apenas um centro geográfico deste Portugal de agora.

14 de Dezembro de 2018

1.

Em Lisboa, não consegui ir ao lançamaneto do livro *A Subjectividade nos Limites da Razão*, de José Carlos Pereira, professor de Estética na Faculdade de Belas Artes, autor também de *O Valor da Arte*, editado pela FFMS. Mas deu para ir ao jantar, um belo convívio que se prolongou para além da meia-noite.

O José Carlos é fã da obra filosófica de José Enes, revelou-me ele quando um dia me atalhou caminho gritando de uma esplanada do Chiado quando eu passava na rua e me convidou a juntar-me ao seu grupo de amigos (eu não o conhecia). Há pouco tempo vim a saber que outro fã da obra de Enes é Pedro Abrunhosa. Tenho pormenores, todavia não me cabe a mim revelá-los. Curiosamente, pouco depois de tomar conhecimento dessa descoberta recente do cantor, dei com um artigo no *Público* sobre o seu mais recente álbum,

de onde retiro esta passagem que ajuda a perceber o seu interesse pela filosofia de José Enes:

O álbum chama-se Espiritual, remetendo para essa ideia nuclear do indivíduo que se questiona, mas é também uma sugestão sobre o momento actual do mundo. «Vivemos um período de profunda agonia espiritual. A palavra espírito, na sua génese, quer dizer força vital. Uma palavra que está associada ao início do pensamento não mitológico, que faz uma clivagem entre o pensamento reflexivo e o não-reflexivo. Portanto, espírito não é apenas uma coisa religiosa. Para mim é a atitude perante a profundidade, a diferença entre o ser e o parecer.» Às tantas interroga: «O que é que define mais o ser humano: o facto de ter dois carros na garagem ou não ter livros em casa? É por aí.»

2.

Nesse mesmo convívio, a seguir ao lançamento, o acaso levou-me à conversa com uma mulher que às tantas revelou ter vivido em Fall River. Intrigado, pedi-lhe datas: fora já na longínqua década de 70. Conversa puxa conversa, aprendi que a minha interlocutora é filha de José Veiga Simão. Foi ele o Ministro da Educação no tempo de Marcelo Caetano que, a seguir ao 25 de Abril, se “refugiou” nos Estados Unidos sob a protecção de amigos e viveu em Fall River empregado pela Portuguese Cultural Foundation, na altura interessada na criação de um museu português na Nova Inglaterra. Cruzámo-nos e conversámos algumas vezes, no entanto quem contactou mais de perto com ele foi o meu amigo António Cirurgião, ao tempo professor na Universidade de Connecticut, Storrs, e muito amigo do Dr. Seabra da Veiga, Cônsul Honorário em Connecticut, que reunia regularmente em casa os seus amigos, entre os quais o general Spínola. Quando o ambiente político serenou, Veiga Simão regressou a Portugal e foi feito Ministro da Indústria. Antes de daqui sair, insisti em que o visitasse quando passasse por Lisboa, e lembro-me perfeitamente de ter estado com ele no Ministério, ali ao Largo de Camões.

A Susana (chama-se assim a filha) recordou com boas palavras os seus anos de Fall River e ficou tocada com algumas lembranças dos meus contactos com o pai.

Tudo assim ali, num acaso, celebrando o lançamento de um livro de estética, porque Portugal é uma aldeia e o mundo lusófono um *small world*, *piccolo mondo*.

24 de Dezembro de 2018

Duas estórias californianas:

1.

Voltámos, a Leonor e eu, ao Little Portugal de San José a aviar um fornecimento de vinho e azeite portugueses para a consoada e fizemos nova paragem no Café Docanto para uma bica lusa. Um local meteu conversa comigo: *Trabalha para a televisão?*

Respondi pela negativa, mas o homem insistiu garantindo que me conhecia da TV. Reconheci-lhe o sotaque jorgense e fiquei mais interessado em ouvi-lo falar de si do que em contar-lhe de mim. Foi só carregar no botão e desatou a desfilar dados: natural de Rosais, está aqui há 30 anos nesta bela terra para fazer uma vida que lhe tem permitido regressar quase todos os anos. Já foi à sua ilha 27 vezes. Tem ainda um ar relativamente jovem, se calhar nem chegou aos cinquenta, no entanto já vislumbra a reforma por perto. *Vou continuar a dar as minhas saltadas a S. Jorge mas, daqui a cinco anos, será uma viagem como a do Toyota.*

Percebi que haveria ali qualquer sentido figurado, todavia não descortinei. Foi a Leonor, habituada à descodificação de signos literários, que me socorreu recordando-me o slogan publicitário: *O Toyota veio para ficar.*

2.

Juuel é uma empresa daqui de San José, produtora de um substituto do cigarro que está a ser um sucesso comercial entre os jovens a ponto de ter já gerado complicações legais, pois ao que parece sabe como rebuçados e pode viciar. Uma multinacional tabaqueira investiu uns biliões nela e a empresa resolveu distribuir parte desse dinheiro pelos seus 1500 empregados, sendo os montantes atribuídos consoante os anos de trabalho na firma. Segundo as notícias, alguns empregados receberam cinco milhões.

Contava-nos isso há dias a Danielle, mulher do nosso Duarte e minha nora, acrescentando: *Gostava de conhecer um dos felizardos e saber como se sente com uma oferta do Pai Natal desse quilate.*

Ontem fomos convidados a jantar no Scott's Seafood, no centro da cidade de San José, por um velho amigo, o picaroto Tony Goulart (aqui a residir há quatro décadas) e sua mullher, a faialense Judite. O convite tinha sido meu, porém ele insistiu argumentando não se estender a minha jurisdição para além da Costa Leste.

Conversa puxa conversa, viémos a saber que uma das filhas do Tony trabalha para a Juuel e foi contemplada com 4 milhões de dólares.

Small world piccolo mondo. San José tem um milhão de habitantes, contudo a firma tem empregados de toda a Bay Area e arredores, o que significa uns acrescentados milhões. Acasos da sorte. Nem mesmo o Pai Natal californiano é para qualquer todos.

27 de Dezembro de 2018

Mais duas estórias californianas:

1.

Almoçávamos no The Spinnaker, em Sausalito, do lado de lá da Golden Gate, aonde sempre gosto de ir quando vou com algum tempo a S. Francisco ou imediações. O empregado, um adulto para lá da meia idade parecia um robot com ares de intelectual e incapaz de expressar uma emoção por mais ténue que fosse. Perguntou-nos pelas nossas preferências e ouviu impávido as nossas quatro escolhas de pratos, cada qual com complicadas variações sempre sem tomar uma única nota. Meia-hora depois, regressava com uma carrinha e quatro atraentes pratos, que distribuiu entregando cada qual certinho diante de cada um de nós.

Não resisti a tentar sacar-lhe uma expressão humana: *Isso é que é! Sem tomar uma única nota, conseguiu dar conta do recado sem uma falha.* Ele, sempre lacónico, mas agora com um levíssimo jeito irónico no olhar: *Teria sido mais complicado decifrar a minha caligrafia.*

2.

Antes de entrarmos na Golden Gate, demos logo com o aviso: *Vista Park closed.* O *locus classicus*, a panorâmica sobre S. Francisco e a ponte, ficava assim riscado do programa. De qualquer modo, consegui descer até ao Fort Baker, de onde os ângulos também valem a pena. O lado norte, no início da Coastal Route, esperou para depois do almoço, na viagem de regresso.

Aí, inesperadamente, voltamos a encontrar empecilhos. O acesso à parte mais alta, que é um parque, estava vedado. Guardas faziam o reencaminhamento do tráfego, uma fila enorme de carros e filas de gente a pé. O transtorno de repente ficou claro. Foi-nos explicado que os parques nacionais estavam fechados em consequência da decisão de Trump fechar o Governo. Claro que sabíamos desse facto, porém nunca nos ocorreu que isso nos afectaria o passeio, por não nos termos lembrado que alguns daqueles miradouros ficam num parque nacional. A mesma explicação deve ter sido dada pelos pais de uma pequenita à nossa ilharga de quem só ouvimos a reacção, num irritado desapontamento por não poder entrar no parque: *E porque é que Obama não continua a ser Presidente?*

2 de Fevereiro de 2019

Tem sido uma invasão de emails de amigos a indagarem se a Leonor e eu estamos sobrevivendo às brutais temperaturas que a televisão propaga como ocorrendo por estas bandas. O meu silêncio de uma semana, sem remeter as habituais “notas bárbaras” por dificuldades técnicas no envio de fotos, não ajudou. Alguns amigos devem mesmo ter pensado que morri soterrado no gelo.

Aqui por Rhode Island, os dias têm sido esplendorosos de sol e céu azul. O termómetro desceu até -15° C, nada de matar nem que já não tivesse ocorrido no passado. Sobretudo nada comparável aos -50°C de Minnesota, Wisconsin, Chicago... Aí, sim, tudo fiou mais fino.

Salta-me à mente uma história por mim não presenciada, mas ouvida na rádio. Num Inverno de há anos, a Leonor e eu rolávamos de carro por uma estrada do norte da Nova Inglaterra e sintonizávamos uma estação de rádio local. O programa era uma linha aberta de conversa com os ouvintes, a quem o moderador pedia que contassem uma história pessoal, verdadeira, de experiência dura de frio.

Uma mulher entra em linha e narra o seguinte (resumirei porque ela deslindou-a demoradamente, enchendo a narrativa de magníficos pormenores que ajudavam a assegurar-lhe autenticidade). Em enxutas palavras, aqui vai:

Era um *first date*, a instituição americana de data mardada para um encontro com um/a namorado/a. Pode ser mesmo o primeiro entre gente que se conheceu por acaso e pretende conhecer-se melhor. Às vezes é um *blind date*, encontro às cegas entre desconhecidos, agendado por amigos esperançados em que duas pessoas descubram algo em comum entre ambos para uma possível relação duradoura. Hoje, tudo isso se faz via Internet e, portanto, nada alheio a Portugal. Mas fica a introdução para os leitores da velha guarda.

Contava então a moça que fora jantar com um indivíduo num primeiro encontro. Tinha nevado e o frio era gélido. Depois do jantar, a moça, conservadora de costumes e a querer marcar uma posição de seriedade, de alguém que não acredita em amor à primeira vista, pedira ao comparsa para deixá-la em casa. Ele, sem evidenciar qualquer sinal de contrariado, rumou a cumprir-lhe a vontade. A alturas tantas, porém, a jovem foi assaltada por uma vontade enorme de fazer um xixi. Atravessavam numa estrada no meio de uma floresta sem sítio onde parar a não ser mesmo no meio do mato. A urgência apertava tão severamente que teve de ser mesmo ali. Noite cerrada e sem luzes, não haveria problema.

A jovem saiu do automóvel, contudo a neve no chão era tão alta que ela se enterrava e não teve outro remédio senão aliviar-se mesmo junto ao carro,

apenas com a porta a servir de biombo. Entretanto, sem querer, encostou uma nádega ao carro e – quem já experimentou temperaturas baixas a valer sabe o que acontece ao corpo se toca metal gelado – ficou colada. Na tentativa de se descolar, encostou-se ainda mais e... mais pregada ficou. Acometida de terror, gritou a pedir socorro. O seu *date* saltou fora do carro a averiguar o que se passava e deparou com ela de cócoras, de pernas entulhadas na neve e de rabo ao léu encostado à porta do carro. Tentar desviá-la a frio da superfície metálica de certeza resultaria num desastroso arrancar de pele que ficaria presa ao carro, deixando-lhe aberta uma vasta ferida na coxa e traseiro. A única solução era – e, repito, quem vive em regiões frígidas sabe disso – lançar água quente sobre a zona colada ao metal. Mas onde ir buscá-la? À mão, ele só poderia recorrer à... sua urina. Hesitou, voltou a hesitar, mas importava ser célere no agir e explicou então a sua ousada proposta. Em desespero de causa, a moça teve de aceitar. O rapaz abriu a braguilha, tirou fora o dito cujo e, generosamente, regou a nádega da infeliz que, envergonhada, sentiu vontade de se enterrar na neve como a Leonor do «Naufrágio de Sepúlveda» da *História Trágico-Martima* se enterrou na areia cobrindo a sua nudez com a cabeleira.

A inventiva solução do moço resultou.

Regressaram ao carro, todavia mantiveram-se em civilizado silêncio durante todo o resto da viagem. O rapaz deixou-a em casa, onde ela se arrumou respirando finalmente de um profundo alívio, mil vezes maior que o sentido depois daquele imparável xixi. E – contava a radiouvinte – nunca mais se viram na vida.

16 de Fevereiro de 2019

De Aveiro, a minha amiga Otilia Pires Martins conta-me por e-mail ter recebido a prenda *Aos Ombros de Gigantes*, de Umberto Eco. Atirou-se à leitura e está a gostar tanto que até tem vontade de se ir deitar mais cedo para continuar a leitura.

Eu ignorava a existência do livro e fui googlá-lo. Aprendi tratar-se do último escrito entregue por Eco ao editor pouco antes de morrer. Publicado em várias línguas, incluíse em português, descobri não haver ainda edição inglesa. Vou tentar trazê-lo de Portugal no próximo salto transatlântico. Nanja que me falem livros para ler, pois continuam a arribar aí em ritmo tal a ponto de eu ter leitura assegurada para toda a eternidade.

Pelo título, deduzo que tenha a ver com o famoso dito atribuído a Newton: *Se vejo mais longe é porque vejo de cima de ombros de gigantes*. Uma gandafrese, diga-se. Que afinal não pertence a Newton. Robert K. Merton, um clássico

historiador da ciência, a quem muito devo graças à sua *opus majus* (*Science, Technology, and Society in Seventeenth-Century England*), lida nos meus anos de pós-graduação num seminário de Sociologia do Conhecimento com Dietrich Rueschemeyer, havia citado nesse seu livro a dita frase atribuindo-a Newton, mas um crítico apontou-lhe a falha. Que não; ela tinha dono mais antigo. Merton pôs-se em cata e acabou escrevendo um livrinho que é uma delícia de erudição: *On the Shoulders of Giants: a Shandean Post-Script*. Estacou em Bernard de Chartres, um neoplatonista francês do século XII, como autor do sábio aforisma. Aposto, porém, de mil certezas que Eco, esse furão de bibliotecas, sabe e conta isso nesse seu novo livro.

Já o encomendei de Lisboa. O bom senso sussurara-me há muito tempo ao ouvido não valer a pena comprar mais livros, no entanto é incontável o impulso de os mandar vir. E disse isso à Otlia numa curta resposta teclada assim:

Não conheço esse livro dele e já vou mandar vir pela Amazon. Mais um para a lista interminável dos livros que quero ler antes de passar para o outro lado da relva. Os cemitérios aqui têm relva e por isso o outro dizia: Enquanto eu estiver do lado de cima da relva, tudo bem.

Faltou-me acrescentar, a propósito da relva dos cemitérios (só conheço esses locais associados a prazer em Lisboa!) aquela do João dos Ovos, figura popularíssima na Angra do Heroísmo de há cinquenta anos. Divertidíssimo *idiot savant* local, era um *aficionado* das touradas e não perdia nenhuma naquela ilha onde elas se contam pelas centenas anuais. Dizia ele: *O que me vai custar mais depois de morrer é sentir as passadas das pessoas na corrida por cima a caminho das touradas e eu sem poder juntar-me a elas.*

Pois é! Isto de gostos... *Suum cuique.*

NOTA BIOGRÁFICA

O professor universitário e escritor português Onésimo Teotónio de Almeida é doutorado em Filosofia pela Universidade de Brown, em Providence, Rhode Island, nos Estados Unidos da América do Norte, para onde emigrou em 1972. Leciona no Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros desta universidade, que ajudou a criar. É autor de numerosos estudos de índole diversa publicados em livros e revistas. Fundou e dirige a editora Gávea-Brown, dedicada à edição em inglês de obras de Literatura e Cultura portuguesas, à qual está associada a revista *Gávea-Brown—a Bilingual Journal of Portuguese American Letters and Studies*, da qual é igualmente fundador e codiretor. É co-editor do *e-Journal of Portuguese History* e de *Pessoa Plural*, ambas revistas eletrónicas editadas em cooperação internacional e publicadas na Brown University. É co-editor de uma coleção de obras de Lusophone Studies

na Sussex Academic Press e codirige a série Bellis Azorica, de obras açorianas em tradução inglesa. É colaborador regular na revista LER, no site PNETLiteratura e no *Jornal de Letras*. No âmbito da criação literária, publicou obras diversas principalmente nos domínios da narrativa, do teatro e da crónica, tais como, entre outras, *Esperança-21* (teatro, 1969); *Ah! Mònim dum Corisco!* (teatro, 1998); *(Sapa)teia Americana* (contos, 1983; ed. rev., 2001); *No Seio Desse Amargo Mar* (teatro, 1991); *Rio Atlântico* (crónicas, 1997); *Que Nome é Esse, ó Nézimo? E Outros Advérbios de Dúvida* (crónicas, 1994); *Viagens na Minha Era* (crónicas e anotações diarísticas, 2001); *Onze Prosemas (e um final merencório)* (crónicas, 2004); *Livro-me do Desassossego* (crónicas, 2006); e *Aventuras de um Nabogador & outras estórias-em-sanduíche* (contos, 2007).

Foi Vice-Presidente do Rhode Island Council for the Humanities e da Associação Internacional de Lusitanistas. É Membro da Academia Internacional de Cultura Portuguesa e da Academia das Ciências de Lisboa. Foi distinguido com o grau de Comendador da Ordem do Infante D. Henrique (1997), com a Grã-Cruz da mesma Ordem (2018) e com um Doutoramento *Honoris Causa* pela Universidade de Aveiro (2013).